Correio da Manhã



Divulgação

#cm2

FIM DE SEMANA

A RECEITA É O AFETO

Ícone da televisão e do cinema nacional, **Nuno Leal Maia, aos 79 anos,** celebra mais de cinco décadas de carreira. **Em entrevista ao Correio,** ele fala sobre o **retorno aos palcos com a comédia 'Meno Male'** e analisa as **transformações do país, da cultura e até do futebol brasileiro.** Página 2

ENTREVISTA | **NUNO LEAL MAIA**

ATOR

'Está faltando a gente se amar mais'

Divulgação



Nuno Leal Maia como o taxista Nicola em cena na comédia 'Meno Male'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Campeoníssimo de audiência na Globo dos anos 1980 e 90, emendando folhetins inovadores, como "Vereda Tropical" (1984), "A Gata Comeu" (1985), "Top Model" (1989) e "Vamp" (1991), o santista Nuno Leal Maia entrou em erupção nos palcos - terreiro onde iniciou a carreira, no apagar das luzes dos anos 1960 - num dos papéis que tornam a peça "Meno Male" uma hilária cartografia do Brasil. O texto, de 1987 (mas ainda atualíssimo), é de um ator, Juca de Oliveira (1935-2026), que virou um jorro de dramaturgia nas artes cênicas. Nuno, que sempre amou futebol e chegou a treinar equipes, hoje ataca como craque no Teatro dos 4, sob a direção de Léo Stefanini, no papel de um taxista que pisa no freio ao sentir feder a marola corrupta (modo minion) que empesteia a nação. Nicola, chofer de praça amante de ópera, italiano imigrado para a Mooca, cuida da sua neta, a estudante Angelina (Naiara de Castro), como quem protege um tesouro. É um avô com "A" maiúsculo. Só não sabe que a moça anda saracoteando a mil, e em fricções horizontais, com um político maroto (Joaquim Lopes), que tem esposa furibunda (Suzy Rêgo), secretária (e dublê de amante) zelosa (Antoniela Canto) e um aspone invejoso (Carmo Dalla Vecchia, em estado de graça em cena).

Aos 79 anos, Nuno já fez de um tudo na arte de atuar, desde hastear a bandeira hippie em "Hair" até encarar o "Escorpião Escarlate" do mestre do terrir Ivan Cardoso. Agora ele joga no time da gargalhada crítica das artes cênicas. "Meno Male" permanece no Teatro dos 4, a lotar salas, até 29 de novembro, mas ele quer ficar mais com Nicola. Tomou gosto por aquela quixotesca figura, que resgata as doçuras de um país que fez dele um símbolo de povão, em especial o bicheiro Tony Carrado de "Mandala" (1987), que cortejava Jocasta (Vera Fischer) ao som de Rosana, a cantar "Como Uma Deusa".

Em cerca de cinco décadas de meia de ofício, o ator arrastou multidões para as salas de cinema numerosas vezes, estrelando blockbusters como "O Bem Dotado, O Homem de Itu", visto por 2,4 milhões de pagantes em 1978. A seguir, Nuno chuta a gol, na cancha da saudade, rememorando sua trajetória pela excelência.

De que maneira a São Paulo de "Meno Male", na dramaturgia de Juca de Oliveira, hoje nos palcos do Rio, é um microcosmo do Brasil?

NUNO LEAL MAIA — A peça retrata a São Paulo da época em que Juca de Oliveira escreveu o texto, ali pelo fim dos anos 1980, mas com muito da década de 1970. Eu não convivi muito com ele, nem vi a montagem original, mas hoje encontro ali um universo maravilhoso, de muita riqueza. Tenho uma tradição no teatro: fiz "Hoje É Dia de Rock", com Zé Vicente, atuei em textos de Plínio Marcos e de Nelson Rodrigues, fiz Tennessee Williams. O teatro é como se fosse uma escola. A gente sempre aprende. Com esse texto do Juca, eu aprendo um pouco mais sobre o homem brasileiro.

Não seria exagero algum afirmar que, entre o fim dos anos 1970 e meados da década de 1980, você foi o cinema brasileiro... na sua natureza mais viva e popular. Sua presença nas telonas do país era gigante... e constante, em sucessos como "O Bem Dotado, O Homem de Itu" e "Dama do Lotação" e em cults como "O Beijo da Mulher Aranha". Na TV, tivemos o Tony Carrado de "Mandala" e o Gaspar de "Top Model". Cada sucesso desse trazia, a partir do seu talento, uma representação diferente para a masculinidade brasileira. Essa sua sintonia com os signos do "homem do Brasil" foi algo pensado? Que homens são esses?

Foram personagens muito diferentes. Por exemplo, eu filmei com o Eduardo Escorel "Ato de Violência", inspirado na história do (assassino) Chico Picadinho, que trazia um outro olhar sobre o masculino - e que a gente precisa discutir. Teve o "Ao Sul Do Meu Corpo", que fiz com o Paulo Cezar Saraceni (e que representou o Brasil na Berlinale, em 1983), e era muito singular. A partir do texto do Juca, o que eu vejo é: o homem brasileiro hoje está muito dividido. Um pouco como a nossa política. O meu personagem, em "Meno Male", responde um pouco a isso com afeto. É um homem amoroso.

O que o personagem Nicola tem a dizer ao público para além das situações cômicas?

Ele tem uma fofura que está faltando. Está faltando a gente se amar mais.

Sua atuação hilária no palco com "Meno Male" é de se aplaudir de pé e pedir bis, impressionando em especial as gerações que cresceram numa época em que sua imagem era mais recorrente no audiovisual do que nas salas de espetáculos. Como se desenha sua trajetória teatral?

Eu fiz muito teatro, a partir de 1970, quando entrei na montagem de "Hair", com a Sonia Braga, como parte da tribo hippie do espetáculo. Aliás, teve uma vez, no Rio, em que eu e o Pingo, o irmão (também ator) do Paulo César Peréio, em meio à divulgação desse musical, fomos parar na antiga redação do Correio da Manhã, vestidos como hipongas. O que acontece é que o cinema, por gostar muito de mim, sempre aparece na minha vida. E eu amo o cinema também. Eu vou ao cinema desde os cinco anos de idade. Adorava chanchada. Vi "Nem Sansão, Nem Dalila" cinco vezes! Não vou ao teatro como vou ao cinema, mas sei o quanto o palco tem valor e como o teatro é importante para o ator. Mas aprender a técnica do cinema, que é muito difícil, é um barato, sobretudo saber como ter interação com a câmera.

O cinema brasileiro vive um momento de transformação. Como o senhor enxerga o futuro da produção nacional?

Tenho notado um movimento de internacionalização do nosso cinema, mas também uma certa elitização, o que pode fazer a gente perder público. Mas o cinema tá aí. Ele nunca acaba e eu tenho um filme para lançar, chamado "Sangue de Groselha" (Marko Martinz e Loli Menezes), com Natália Lage e Marcos Breda.

Atleta, o senhor também é um apaixonado por futebol e chegou a ser técnico de times (como o São Cristóvão). Como avalia o momento do esporte brasileiro?

Vejo com tristeza o futebol brasileiro hoje. Acho que a gente retrocedeu. Os jogadores se embruteceram e as arbitragens se corromperam. Perdemos um pouco a identidade. Não fizemos jus àquilo que o Zagallo sempre buscou: que a gente tivesse uma identidade.

O Brasil deveria investir mais na formação de jogadores?

Quem ganhou cinco títulos em Copas do Mundo deveria ser uma escola de formação de jogador e não importar técnicos.

Como torcedor do Fluminense, o que o incomoda na equipe atualmente?

O Ganso é um dos poucos que ainda representam um tipo de futebol de que gosto. Um jogador como ele, que joga com inteligência, é raro. Fiquei feliz com a chegada do Marcão como técnico, mas o Nonato não é para ser titular. O negócio é botar o Hércules para jogar.

SERVIÇO

MENO MALE

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 29/11, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R$ 173,37 (inteira) e R$ 73,68 (meia)

‘Gonzaguinha É’ lidera indicações ao Prêmio FITA

Musical da Barca dos Corações Partidos concorre em oito categorias, seguido por ‘Alta Sociedade’ e ‘O Formigueiro’, com sete cada

A Barca dos Corações Partidos tem motivos de sobra para comemorar os 15 anos da companhia. O musical “Gonzaguinha É”, dedicado à vida e à obra do compositor, saiu na frente na corrida do Prêmio FITA de Teatro 2026, cujos indicados foram anunciados nesta semana: são oito indicações, mais do que qualquer outro espetáculo da 18ª Festa Internacional de Teatro de Angra. Logo atrás, empatados com sete indicações cada, aparecem “Alta Sociedade” e “O Formigueiro”. A cerimônia de premiação está marcada para novembro, no Rio, sem data confirmada pela organização.

O prêmio coroa os destaques da programação da FITA, que entre 7 e 24 de outubro reuniu mais de 20 espetáculos na tenda montada em Angra dos Reis, um dos mais tradicionais festivais de artes cênicas do país.

Idealizada e dirigida por João Carlos Rabello, a festa é patrimônio imaterial da cidade e já levou mais de um milhão de espectadores ao teatro desde sua criação. A homenageada da edição foi Arlete Salles que, aos 88 anos, encenou o primeiro monólogo da carreira, “Mande Notícias do Mundo de Lá”, com texto e direção de Carlos Jardim. Ela volta a ser lembrada na cerimônia do prêmio, em homenagem especial.

O júri oficial é formado pelo jornalista e crítico teatral Dirceu Alves Jr., presidente da comissão, e pelas atrizes Kelzy Ecard e Suzana Nascimento. Eles avaliaram as montagens em 14 categorias, que contemplam dramaturgia, direção, cenografia, figurino, iluminação, trilha sonora, atuações coadjuvantes e revelação, entre outras frentes da criação teatral.

OS INDICADOS

Melhor Espetáculo: “Alta Sociedade”, “O Formigueiro”, “Gonzaguinha É”, “A Vida Passou por Aqui” e “Visitando o Sr. Green”.

Dramaturgia: Carlos Jardim (“Mande Notícias do Mundo de Lá”), Cláudia Mauro (“A Vida Passou por Aqui”), Renata Mizrahi (“Como a MPB Acabou com a Minha Vida Amorosa”), Renato Borghi (“Minha Estrela Dalva”) e Thiago Marinho (“O Formigueiro”).

Direção: Alexandre Reinecke (“Toc Toc”), Alice Borges (“A Vida Passou por Aqui”), Emilio de Mello (“Alta Sociedade”), Guilherme Piva (“Visitando o Sr. Green”) e Thiago Marinho (“O Formigueiro”).

Melhor Ator: Diogo Vilela (“Cauby – Uma Paixão”), Édio Nunes (“A Vida Passou por Aqui”), Elias Andreato (“Visitando o Sr. Green”), Orã Figueiredo (“Alta Sociedade”) e Rodrigo Fagundes (“O Formigueiro”).

Melhor Atriz: Cláudia Mauro (“A Vida Passou por Aqui”), Debora Lamm (“A Pediatra”), Flávia Santana (“Como a MPB Acabou com a Minha Vida Amorosa”), Julia Lemmertz (“Alta Sociedade”) e Soraya Ravenle (“Minha Estrela Dalva”).

Ator Coadjuvante: Adrén Alves (“Gonzaguinha É”), Diego de Abreu (“O Formigueiro”), Fábio Esposito e Walter Breda (ambos por “Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”) e Paulo Mathias Jr. (“Toc Toc”).

Renato Mangolin/Divulgação



‘Gonzaguinha É’ recebeu oito indicações

Atriz Coadjuvante: Ana Andreatta (“Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”), Francis Helena Cozta (“O Segredo de Brokeback Mountain”), Iara Jamra (“Toc Toc”), Luiza Loroza (“Gonzaguinha É”) e Sara Freitas (“Toc Toc”).

Trilha Sonora: Alfredo Del-Penho e Beto Lemos, pela direção musical e arranjos de “Gonzaguinha É”; Breno Ganz, pela direção musical de “O Segredo de Brokeback Mountain”; Liliane Secco e Roberto Bahal, pela direção musical de “Cauby – Uma Paixão”; e William Guedes, pela direção musical e arranjos de “Minha Estrela Dalva”.

Cenário: Chris Aizner, indicado duas vezes, por “Alta Sociedade” e “Visitando o Sr. Green”; Gustavo Valente (“Funk Brasil – No Ritmo do Amor”); Márcia Moon (“Minha Estrela Dalva”); e Victor Aragão (“O Formigueiro”).

Figurino: Carol Lobato (“Gonzaguinha É”); Fábio Namatame, também indicado duas vezes, por “Minha Estrela Dalva” e “Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”; e Karen Brusttolin, indicada por “Alta Sociedade” e “Visitando o Sr. Green”.

Iluminação: Adriana Ortiz (“O Segredo de Brokeback Mountain”), Ana Luzia Molinari de Simoni (“Gonzaguinha É”), Daniela Sanchez (“Cauby – Uma Paixão”), Maneco Quinderé (“Visitando o Sr. Green”) e Tomás Ribas e Elisa Tandeta (“Alta Sociedade”).

Revelação: Daniel Tonsig, ator, por “O Segredo de Brokeback Mountain”; Julia Maez, pelo canto na trilha sonora ao vivo de “O Segredo de Brokeback Mountain”; e Natália Beukers, pela idealização e produção de “Sete Minutos – Uma Comédia no Tempo Certo”.

Categoria Especial: aos artistas angrenses, pela força da realização coletiva e diversidade de talentos nas peças “A Lenda”, “Maluco Beleza” e “Funk Brasil – No Ritmo do Amor”; ao elenco de “O Formigueiro”, pela potência e entrosamento em cena dos atores Diego de Abreu, Lucas Drummond e Rodrigo Fagundes e da atriz Roberta Brisson; e ao elenco de “Gonzaguinha É”, pela versatilidade e harmonia no jogo cênico e musical.

Melhor Espetáculo / Júri Popular: “A Vida Passou por Aqui”, “Gonzaguinha É” e “Mande Notícias do Mundo de Lá”.

A lista reúne nomes consagrados de diferentes gerações da cena brasileira. Na disputa de Melhor Ator estão Diogo Vilela, por “Cauby – Uma Paixão”; Édio Nunes, por “A Vida Passou por Aqui”; Elias Andreato, por “Visitando o Sr. Green”; Orã Figueiredo, por “Alta Sociedade”; e Rodrigo Fagundes, por “O Formigueiro”. Na categoria feminina, concorrem Cláudia Mauro, Debora Lamm, Flávia Santana, Julia Lemmertz e Soraya Ravenle. Na direção, os indicados são Alexandre Reinecke, Alice Borges, Emilio de Mello, Guilherme Piva e Thiago Marinho — este último indicado também na dramaturgia, por “O Formigueiro”.

Os cinco espetáculos mais indicados disputam o prêmio principal de Melhor Espetáculo: “Alta Sociedade”, “O Formigueiro”, “Gonzaguinha É”, “A Vida Passou por Aqui” e “Visitando o Sr. Green”. Foi justamente “Gonzaguinha É” que abriu a programação da 18ª FITA, no dia 7 de outubro, em sessão dupla na tenda de Angra.

O público também decide. Na categoria de Júri Popular concorrem “A Vida Passou por Aqui”, “Gonzaguinha É” e “Mande Notícias do Mundo de Lá”, este último protagonizado pela própria Arlete Salles. A Categoria Especial, por sua vez, reconhece os artistas angrenses pela força da realização coletiva nas peças “A Lenda”, “Maluco Beleza” e “Funk Brasil – No Ritmo do Amor”, além dos elencos de “O Formigueiro” e de “Gonzaguinha É”, pela potência e versatilidade em cena.

CRÍTICA TEATRO | DESCALÇOS NO PARQUE

POR **CLÁUDIO HANDREY** - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Amor entre contrastes

Flávia Canavarro/Divulgação



A proeminência vem da ótima Flávia Reis (C), que abusa do seu timing cômico para rechear o palco com humor de alta categoria

Sucesso na Broadway em 1963, "Descalços no Parque" é uma comédia de Neil Simon, adaptada para o cinema em 1967, com Robert Redford e Jane Fonda. Numa transposição para o Rio de Janeiro, Guilherme Weber explora a intimidade do casal adicionando pitadas de humor e referências brasileiras. Trata-se do embate entre Edu e Lara, que ao chegarem da lua de mel no Copacabana Palace, instalam-se num minúsculo apartamento no bairro do Catete, palco para o desastre conjugal.

O prédio não tem elevador e os seis lances de escada já começam por estressar o jovem advogado, que irrompe o apartamento sem fôlego. O quarto é tão pequeno que mal cabe a cama de solteiro, uma abertura no teto, entre outros obstáculos propiciam a derrocada do relacionamento. Ela, uma jovem descontraída, impulsiva, otimista, não se abate pelas adversidades a que o novo espaço os conduz, todavia, ele é conservador, rígido, focado no trabalho, e o contraste das personalidades gera conflito nos recém-casados, despedaçando o castelo de ilusões diante da vida como ela é. A mãe da protagonista, um vizinho e um técnico de telefone apimentam o desenrolar dramatúrgico.

Apesar do bom gosto da montagem, a direção de Guilherme Weber carece de uma maior personalização. Por vezes parece que estamos assistindo a um sitcom, com marcas que não favorecem a teatralidade. A cena do técnico ao se dirigir à plateia empobrece a encenação e emperra o fluxo dramático. No entanto, a trilha sonora do diretor instaura charme e elegância à montagem, numa imersão na Bossa Nova, criando uma atmosfera envolvente.

Com talento e carisma, Larissa Manoela encanta sem esforço. Presença marcante, a atriz passeia pela cena com segurança, demonstrando domínio corporal, além de colorir sua Lara com perspicácia. Já André Luiz Frambach revela dificuldades com o teatro: perde-se falas pela emissão subvocalizada, além de uma dicção imprecisa, mesmo microfonado, comprometendo a audibilidade e a compreensão do texto. O Sr.Velasco de Claudio Mendes é instigante, colaborando para o bom funcionamento cênico. Diego de Abreu defende seu Paulinho Cuíca com graça e sabedoria na difícil tarefa de sustentar uma personagem insípida.

A proeminência vem da ótima Flávia Reis, que abusa do seu timing cômico para rechear o palco com humor de alta categoria. Repleta de inteligência cênica, enlouquece: joga sapato para o alto, rodopia, diverte-se com as palavras, dando-nos a sensação de que vai se perder na loucura, mas o que se constata é a técnica de uma atriz.

A bela cenografia de Mina Quental, com paredes, fogão, geladeira acinzentados, reflete teatralidade, em perfeita sintonia dramatúrgica com a claraboia. A esbelteza se impõe nos figurinos de Karen Brusttolin, sobretudo na vestimenta dos protagonistas, valorizando os costumes sociais dos anos 1950. A luz de Adriana Ortiz é adequada e se ilumina com delicadeza ao final do espetáculo. Toni Rodrigues auxilia o elenco, mas não resolve a corporalidade do protagonista.

SERVIÇO

DESCALÇOS NO PARQUE

Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - (Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 28/11, quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h)

Ingressos entre R$ 50 e R$ 25 (meia) e R$ 220 e R$ 110 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Cláudia Ribeiro/Divulgação



A saga de Boca de Ouro

O universo de Nelson Rodrigues volta aos palcos por meio de um personagem que nasce numa pia de gafieira e cresce até virar um temido bicheiro. Em "Boca de Ouro", a mitologia do contraventor encontra o olhar de quem tenta reconstituí-lo depois de sua morte, num jogo de versões que é uma das engrenagens mais cortantes do texto. A montagem está em cartaz no Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160), onde segue até 22/11, às quintas e sextas (20h); e sábados e domingos (18h). Ingressos a R$ 40 e R$ 20 (meia).

Juliana Chalita/Divulgação



Sherazade desconstruída

Carolina Chalita apresenta uma pergunta que desmonta a heroína das "Mil e Uma Noites": o que sobra quando uma mulher se recusa a sobreviver apenas contando histórias para um homem? Em "Eu Matei Sherazade, confissões de uma árabe em fúria", a atriz assina também a dramaturgia da adaptação do livro de Joumana Haddad, com direção de Miwa Yanagizawa e música ao vivo de Beto Lemos. O solo põe realidades árabes e ocidentais sob a mesma luz. Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104) até 27/11, às terças e quartas (20h).

Renato Mangolin/Divulgação



Jogo de incertezas

Uma carta anônima acusa uma atriz de plágio, e é por essa fresta que Fabianna de Mello e Souza abre o solo "Adorável Face de Andronieva Petrosa", com dramaturgia de Cecília Ripoll e direção de Denise Stutz. A denúncia aciona um jogo de memória, autoria e ficção, aproximando humor e suspense. A acusação faz a personagem desconfiar até da própria lembrança. A montagem inicia temporada no Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104) e permanece até 20/12, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h).

Na floresta **dos sons**

Divulgação



Jorge Ben Jor

Jorge Ben Jor abre o Rock the Mountain, que recebe Anitta, Ivete Sangalo e Paulinho da viola em Itaipava

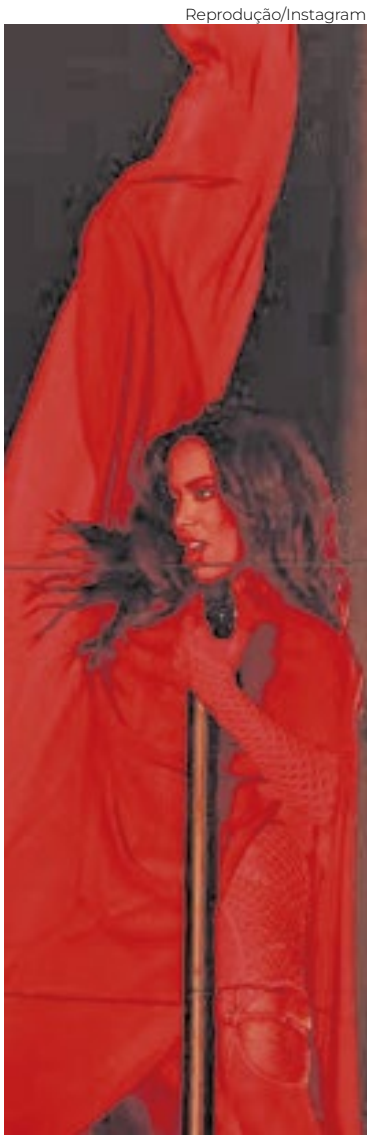
AFFONSO NUNES

O festival mais verde do Brasil está de volta! O Parque Municipal Prefeto Paulo Rattes, em Itaipava, Petrópolis, neste fim de semana e no próximo a 13ª edição do Rock the Moutain com atrações de peso. Jorge Ben Jor, Anitta são os headliners da programção que será espelhada nas duas semanas.

A maratona muiscal serrana começa nesta sexta-feira (30) com Jorge Ben Jor como a grande atração da abertura. O ícone da música brasileira, que já passou pelo festival em 2022, sobe ao Palco Floresta Vivo às 23h30, depois de M.I.A., às 21h30, com seus grandes sucessos — "Mas, Que Nada", "País Tropical", "Taj Mahal" e "Fio Maravilha", entre outros. No sábado, Anitta volta ao evento com o aguardado show "Equilibrium Tour, às 20h, após Falamansa, às 18h.

No domingo, 1º de novembro, Ivete Sangalo estreia no festival, às 22h10, no palco onde antes se apresentam Dora Morelenbaum, 13h30, Paulinho da Viola, 15h30, e Jorja Smith, 17h30 — a britânica, revelação do R&B atual que cancelou sua passagem pela edição 2025.

Reprodução/Instagram



Anitta

Além de Paulinho, sobem aos palcos Leci Brandão, que celebra cinco décadas de trajetória com indicação ao Grammy Latino 2026, e o projeto Dominguinho, vencedor do Grammy Latino, formado por João Gomes, Jota.pê e Mestrinho — o fenômeno do piseiro retorna ao festival, onde esteve em 2025 com show solo.

O Palco Estrela recebe no fim de semana de estreia Gaby Amarantos, às 20h30 de sexta, Barão Vermelho, às 17h de sábado, e Marcos Valle, às 14h30 de domingo. No Palco Aurora Heineken, destaque para Dexter convida L7 e Djonga, às 22h30 de sexta, Julia Mestre, às 22h40 de sábado, e Urias, às 20h15 de domingo.

Entre os nomes do line-up, uma estreia carrega o peso de seis décadas: Claudya, aos 78 anos, se apresenta nos dias 31 de outubro e 7 de novembro com o espetáculo "Deixa Eu Dizer", nome do álbum ao vivo lançado em setembro. "Chegar aos 60 anos de carreira e perceber esse reencontro com o público e com a imprensa é uma confirmação de que ainda temos muita história para contar", afirma a cantora.

Fora dos três palcos principais — Floresta, Estrela e Aurora —, o Coreto é o refúgio da música independente, com 18 atrações, entre elas oito artistas de Petrópolis e Luiz Barata, vencedor do concurso Trampolim, eleito entre 167 inscrições de bandas independentes do estado. Entre as novidades fora da música, o festival recebe a primeira escultura monumental do dinamarquês Thomas Dambo na América Latina, um troll de mais de cinco metros erguido na entrada do evento. "A música brasileira continua sendo um dos nossos pilares, com artistas de diferentes gerações, gêneros e regiões, mas também gostamos de abrir espaço para nomes de outros países e criar encontros que talvez não acontecessem em outros lugares", diz Ricardo Brautigam, o Cadinho, sócio-criador do festival.

Divulgação



As edições do Rock The Mountain são realizadas no Parque Prefeito Paulo Rattes

Rafael Catarcione | ZIMEL



Paulinho da Viola

Fotos: Rafa Mattei



Ivete Sangalo

SERVIÇO

ROCK THE MOUNTAIN

Parque Municipal Prefeito Paulo Rattes, Itaipava

De 30/10 a 8/11, de sexta a domingo

Consulte a programação em www.rockthemountain.com.br e @rockthemountain

Ingressos no Sympla (primeiro fim de semana esgotado)

No pôr do sol com Letrux

Cantora e compositora apresenta show intimista com violão e piano no jardim da Casa Museu Eva Klabin neste sábado

Letrux chega ao jardim da Casa Museu Eva Klabin neste sábado (31), às 17h, para uma nova edição do projeto Pôr do Sol, com curadoria de Rodrigo Andrade. Acompanhada apenas de violão e piano, a cantora e compositora percorre em ordem cronológica mais de 15 anos de carreira, entrelaçando composições autorais e canções de outros artistas que marcaram sua formação musical.

Indicada ao Grammy Latino e autora de quatro álbuns solo, Letrux — nome artístico de Letícia Novaes — ganhou projeção nacional e internacional em 2017, com "Letrux em Noite de Climão". Vieram depois "Letrux aos Prantos", que lhe rendeu a indicação ao Grammy Latino em 2020; "Letrux como Mulher Girafa" e "SadSexySillySongs". A formação reduzida não diminui a força expressiva de quem transita entre o pop, o rock e a poesia, com letras confessionais e performances intensas.

O Pôr do Sol integra a programação regular da instituição e já recebeu nomes como Alice Caymmi, Ana Frango Elétrico, Anelis Assumpção, Mahmundi e Majur. O projeto tem como eixos a diversidade da música brasileira contemporânea e a valorização de novas gerações de artistas.



Bruna Latini/Divulgação

Letrux celebra 20 anos de carreira com uma celebração a suas influências artísticas no período

SERVIÇO
PÔR DO SOL COM LETRUX
Casa Museu Eva Klabin (Praça Benedito Cerqueira, Lagoa)
31/10, às 17h
Ingressos: R$ 80 e R$ 40 (meia)

Frango Elétrico de bolso

Cantora e compositora estreia show em formato pocket nesta sexta e sábado na Caixa Cultural

A Caixa Cultural Rio recebe nesta sexta e sábado (30 e 31) a estreia carioca de "Ana Frango Elétrico de Bolso". Em formato intimista, o espetáculo reúne a compositora, poeta, artista visual e produtora musical Ana Frango Elétrico e o multi-instrumentista Vovô Bebê — nome artístico de Pedro Dias Carneiro no Teatro Nelson Rodrigues. A sessão de sábado tem interpretação em Libras e bate-papo com a artista.

A parceria dos dois vem de longe: começou em 2018, com "Mormaço Queima", álbum de estreia de Ana, lançado pelo selo Risco. No palco, ela constrói camadas com voz, guitarra e sampler, em diálogo com o contrabaixo elétrico de Vovô Bebê. O setlist percorre a discografia da artista e inclui versões e faixas inéditas. "Acho que é um lugar mais intimista, como se o público estivesse em minha casa comendo de minha comida", explica Ana.

O show circula desde 2023 por diversas capitais e chega ao Rio em momento de projeção internacional da artista. Em agosto, Ana voltou de sua segunda turnê europeia, com passagem pelo Sziget Festival, na Hungria. Vencedora do Grammy Latino de 2022 como coprodutora de "Sim Sim Sim", único disco do grupo Bala Desejo, ela foi indicada ao Prêmio Pipa em 2021 e assina a direção musical e os arranjos da turnê "Que mulher é essa?!", de Simone, ao lado do estilista Ronaldo Fraga. Está confirmada também no Primavera Sound São Paulo e no Coala Festival, neste último ao lado de Marcos Valle. **(A. N.)**

Hick Duarte/Divulgação



Ana Frango Elétrico promete entregar intimidade ao públco

SERVIÇO
ANA FRANGO ELÉTRICO DE BOLSO
Caixa Cultural RJ - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230, Centro)
30 e 31/10, às 19h
Ingressos: plateia - R$ 40 e R$ 20 (meia e clientes Caixa); balcão - R$ 30 e R$ 15 (meia e clientes Caixa)

Divulgação



Plebe Rude

Plebe Rude relança seu álbum clássico no Circo Voador

Fevereiro de 1986: o Brasil despedia-se da ditadura militar e a juventude brasiliense despachava suas angústias em rock. Nesse clima nasceu "O Concreto Já Rachou", disco de estreia da Plebe Rude que ganhou Disco de Ouro na época do lançamento e segue entre os mais cultuados do rock nacional. Nesta sexta (30), às 22, no Circo Voador, Philippe Seabra (guitarra e voz), André X (baixo), Clemente Nascimento (guitarra e voz) e Marcelo Capucci (bateria) tocam o álbum na íntegra e revisitam outros clássicos dos 45 anos de estrada em uma única apresentação.

Quarenta anos depois, a banda relança a obra em edição especial de vinil, pela Universal Music, com capa gatefold, compacto de 7 polegadas com uma nova versão de "Até Quando Esperar", as demos de "Johnny Vai à Guerra (Outra Vez)", "Proteção", "Minha Renda" e "Sexo e Karatê", e um documentário de 90 minutos em que o quarteto revisita faixa por faixa o processo de criação do álbum.

Do disco saiu a trinca que definiu a carreira do grupo — "Proteção", "Até Quando Esperar" e "Minha Renda" —, letras que enfrentavam desigualdade social, repressão e contradições políticas.

Para a nova versão de "Até Quando Esperar", a banda voltou ao estúdio com Herbert Vianna, produtor original do disco, dividindo guitarras e vocais no clipe inédito. "Como compositor e artista, você fica feliz com a relevância da obra. Mas tem um lado, como pai e cidadão, que me deixa meio zangado porque a letra não envelheceu. Das duas, uma: ou a gente era vidente, ou o país não mudou nada", avalia Seabra. **(A. N.)**

SERVIÇO
PLEBE RUDE
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
30/10, às 22h
Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia)

Uma ode ao gênio **desconhecido** da Bossa Nova

Show 'NewTom', com Zé Renato e Conexão Rio, celebra a obra de Newton Mendonça, o esquecido parceiro de Tom Jobim na origem do movimento

AFFONSO NUNES

Com seu timbre único e o gosto por repertório requintados, Zé Renato sobe ao palco do Manouche nesta sexta-feira (30), às 21h, para uma única apresentação de "NewTom — uma visita ao repertório de Newton Mendonça e Tom Jobim", ao lado da Conexão Rio. No setlist, clássicos como "Meditação", "Samba de uma nota só", "Desafinado" e "Caminhos cruzados", revisitados com olhar contemporâneo e muito balanço.

Newton Mendonça morreu aos 33 anos e ficou, para o grande público, como o "gênio invisível" da bossa nova. Foi parceiro de Tom Jobim em canções que deram ao gênero sua cara definitiva. É esse repertório que Zé Renato mergulha com a mesma leveza com que trafega por vários gêneros da MPB — e em ano de celebração: o cantor completa 50 anos de carreira, com sucesso tanto solo quanto ao lado de Claudio Nucci, parceiro desde o início da trajetória, e junto ao Grupo Boca Livre, com o qual ganhou um Grammy Awards em 2023.

Divulgação



Com a categoria de sempre, Zé Renato interpreta sucessos da dupla com os músicos do Conexão Rio

A história com a Conexão Rio vem de longe. Aos 15 anos, Zé Renato já se apresentava com dois dos integrantes do grupo, André Cechinel e Fernando Barroso, no conjunto "Agora", em festivais estudantis e universitários ao lado de Luca Raposo e Claudio Infante. A banda, com 25 anos de estrada e dois álbuns lançados, circula pelos palcos cariocas desde o extinto Mistura Fina até o Manouche e a Blue Note, sozinha ou ao lado de nomes como Celso Fonseca, Raul Mascarenhas, Vinícius Cantuária, Henrique Portugal, Verônica Sabino e Marcelo Serrado. Completam a formação Fernando Clark (guitarra) e Zé Mario (bateria), com Cechinel no piano e Barroso no baixo.

SERVIÇO

ZÉ RENATO E CONEXÃO RIO
Manouche (Rua Jardim Botânico, 883)
30/10, às 21h
Ingressos: R$ 130 e R$ 65 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Uma viagem dançante pelo funk carioca

Divulgação



Buchecha e MC Koringa estreiam o projeto O Baile É Nosso neste sábado (31), às 21h30, no Qualistage. O encontro celebra a história e a evolução do funk carioca, com repertório que inclui clássicos como Nosso Sonho e Dança Sensual. A noite reúne ainda convidados como MC Sinistro, Mano Teko, Danda MC e MC Serginho, entre outros nomes do gênero. Ingressos a partir de R$ 150 e R$ 75 (meia).

Maneva fecha turnê de 20 anos no Circo

Divulgação



O grupo Maneva encerra a turnê "20 Anos, Origem" neste sábado (31), às 22h, no Circo Voador. O show marca a reta final das comemorações dos 20 anos de carreira da banda paulista de reggae, formada por Polli, Felipe Sousa, Fernando Gato, Diego Andrade e Fabinho Araújo. A noite também apresenta o projeto Treme Terra, com Rottweiler e Lauro Farias. Ingressos esgotados.

Quatro décadas pela estrada do blues

Divulgação



O Blues Etílicos celebra 40 anos de carreira no Teatro Rival Petrobras neste sábado (31), às 19h30. A formação reúne os fundadores Flávio Guimarães (vocal e gaita) e Otavio Rocha (guitarra), além de Beto Werther (bateria) e Cesar Lago (baixo). No repertório, a discografia do grupo e canções recentes. A cantora e guitarrista Nanda Moura abre o show e participa da homenagem a Greg Wilson. Entre R$ 50 e R$ 170.

MPB com tempero instrumental

Divulgação



O quarteto instrumental Brass Cubas se apresenta no Musicorum, em Botafogo, nesta sexta (30), às 19h. O grupo carioca conecta o jazz à música brasileira, com foco em improvisação, arranjos autorais e sonoridade contemporânea. A formação reúne Emerson Costa (sax e flauta), Marcos Melo (guitarra, violão e bandolim), Mário Coutinho (baixo) e Fábio Cezanne (bateria e percussão). R$ 25

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOWS

BROADWAY NIGHT'S, O MUSICAL

✱Os maiores sucessos dos grandes musicais e do cinema em espetáculo dançante inteiramente cantado ao vivo. No repertório, temas de "Grease", "O Fantasma da Ópera", "Cats", "Os Miseráveis" e "New York, New York", entre outros. Dom (1), às 18h. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85
✱Parque do Flamengo). A partir de R$ 120 e R$ 60 (meia)



Broadway Night's - O Musical

PAULEIRA É HARD MPB

✱O cantor, compositor, regente de corais e arranjador Paulo Malagutti Pauleira apresenta espetpaculo em que seu trabalho autoral dialoga com clássicos e diferentes vertentes da música popular brasileira. Sex (30), às 20h. Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo). Entre R$ 55 e R$ 200

ORÍ JAZZ TRIO

✱Cm formação de vibrafone, violão e bateria, o grupo apresenta um concerto especial em homenagem ao centenário do compositor, maestro, arranjador e multi instrumentista Moacir Santos (1926–2006), uma das figuras mais originais da música brasileira. Dom (1), às 11h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824, Tijuca). R$ 30 e R$ 15 (meia)

ORÈ

✱Quarteto que reúne em sua formação músicos do Brasil, Holanda, Portugal e Uruguai transita entre jazz contemporâneo, ritmos brasileiros emclima de improvisação livre. Seg (2), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55, Botafogo). R$ 30

ALEGRIA

✱A cantora revisita, com intensidade e delicadeza, o legado de uma das maiores artistas internacionais de todos os tempos: a britânica-nigeriana Sade Adu. Sex (30), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R$ 70 e R$ 170

ANDERSON MAIA

✱Baterista, cantor, compositor e percussionista apresenta "Caminhos da Ladeira", seu primeiro EP autoral. O trabalho que reúne influências da MPB, do jazz e dos ritmos brasileiros. Sex (30), às 19h. Centro da Música Carioca Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). R$ 60 e R$ 30 (meia)

Divulgação



Piaf - Eu Não me Arrependo

Divulgação



Orí Jazz Trio

TEATRO

PALAVRAS DE MULHER

✱O encontro fictício entre Clarice Lispector, Hilda Hilst, Carmen da Silva e Eneida de Moraes. Até 30/10, sex (19h). Teatro Gláucio Gill (Pç. Cardeal Arcoverde, s/nº). R$ 40 e R$ 20 (meia)

VÍBORAS - A ARTE DO INSULTO

✱Comédia de costumes sobre uma longa amizade e um casamento em ruínas. Até 1/11, sex e sáb (19h) e dom (17h30). Teatro Vanucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º andar Loja 371). R$ 140 e R$ 70 (meia)

FRANKENSTEIN

✱Mesclando teatro, dança e artes visuais, o espetáculo reinventa a obra de Mary Shelley com uma inversão: o ser gerado por Victor Frankenstein é uma mulher que não se adapta aos desejos do criador. Até 15/11, qua a sáb e seg (19h) e dom (18h). CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66). R$ 30 e R$ 15 (meia)

EDSON

✱Neste solo autoral, o ator Matheus Macena revisita os episódios em torno do brutal assassinato do estudante secundarista Edson Luís, estopim das grandes manifestações populares de 1968 no Brasil. Até 1/11, sex e sáb 20h) e dom (19h). Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Morais, 824). R$ 70 e R$ 35 (meia).

A METAMORFOSE

✱O clássico de do tcheco Franz Kafka, ganha adaptação do Anêmona Teatro que leva ao palco reflexões sobre a utilidade (ou não) de quem nada oferece à sociedade. Até 15/11, qui a sáb (19h30) e dom (19h), exceto 31/10 (18h30), 1/11 (19h30). Espaço Armazém Cia. de Teatro (Fundição Progresso - Rua dos Arcos, 24, Lapa). R$ 60 e R$ 30 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Rita Lee: A Balada da Louca

Renato Mangolim/Divulgação



Palavras de Mulher

Renato Mangolim/Divulgação



Confissões de Adolescente

Divulgação



Alegria



Escola de Punks

CRUISE

✱Texto revive a Soho dos anos 1980, quando o diagnóstico da Aids era quase sentença de morte. Até 2/11, sáb a seg (20h). Teatro Glaucio Gill (Pç. Cardeal Arcoverde, s/nº). R$ 70 e R$ 35 (meia).

MORRA, AMOR

✱Mulher vive o sufoco da rotina doméstica, a claustrofobia da maternidade recente e a desconexão do próprio casamento. Até 29/11, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804). Entre R$ 50 a R$ 120.

PIAF - EU NÃO ME ARREPENDO

✱Musical com Laila Garin destaca a grande dama da chanson française. 1/11, sextas (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Entre R$ 50 e R$ 300

RITA LEE: A BALADA DA LOUCA

✱Lilia Cabral interpreta a Rainha do Rock em solo escrito por Guilherme Samora. Até 1/11, sex e sáb (20h) e dom (18). Teatro PRIO - Av. Bartolomeu Mitre, 1110). Entre R$ 75 e R$ 150

EXPOSIÇÃO

ZONA DE SACRIFÍCIO

✱Os rastros da mineração de lítio em MG. Até 1/11, ter a sex (10h às 18h); sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

LEO GANDELMAN 50 x 70 - O OLHAR ALÉM DA MÚSICA

✱Mostra com imagens do músico em sua época de fotógrafo profissional. Até 30/11, seg a sex (10h às 18h). Firjan Sesi Centro (Rua Graça Aranha, 1). Grátis

INFANTIL

MARIA BONITA E A PELEJA COM O SOL

✱A cangaceira Maria Deia retorna para um último encontro com o Sol. Sáb (31), às 11h. Teatro Ruth de Souza (Rua Murtinho Nobre, 169). R$ 40 e R$ 20 (meia)

ESCOLA DE PUNKS

✱Os bonecos Billy 'The Punk' e Avril Larvinha e suas trapalhadas. Dom (1), às 11h. Teatro Ruth de Souza (Rua Murtinho Nobre, 169). R$ 40 e R$ 20 (meia)

AVENTURA CONGELANTE, O LEGADO

✱Musical conta a hsitória de Anna e Elsa, protagonistas das animações da franquia "Frozen" desde que elas eram pequenas princesas. Dom (1), às 14h. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo). A partir de R$ 140 e R$ 70 (meia)

CONFISSÕES DE ADOLESCENTE

✱Sucesso dos anos 1990, o texto de Maria Mariana retorna com Flora Gil a filhas das atrizes da montagem original. Até 29/11, sex (20h) e sáb e dom (19h). Eco Villa Ri Happy (R. Jardim Botânico, 1008). R$ 140 e R$ 70 (meia)

FRANKINH@ — UMA HISTÓRIA EM PEDACINHOS

✱Nesta daptação do clássico de Mary Shelley para o universo infantil, o jovem Victor cria alguém para lhe fazer companhia. A criatura, porém, não sai exatamente como ele queria. Até 15/11, sáb (15h) e dom (11h e 16h). CCBB (Rua Primeiro de Março, 66). R$ 30 e R$ 15 (meia)

Divulgação



'100 dias' narra a saga do navegador Amyr Klink e sua corajosa e revolucionária travessia do Atlântico Sul, em 1984; Um feito que ninguém havia conseguido antes

Nova produção Disney Brasil, '100 Dias' traz Filipe Bragança na pele do navegador Amyr Klink, que atravessou o Atlântico Sul em um barco a remo

Da vida para as telas

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Amyr Klink (Filipe Bragança) teve na mãe, Asa (Philippine Leroy-Beaulieu), sua mais importante parceira no projeto de travessia

PEDRO SOBREIRO

O Brasil tem muitos heróis anônimos. Pessoas normais com feitos extraordinários que, seja por falta de divulgação, seja pela incômoda e persistente síndrome de vira-latas, parecem não obter o merecido reconhecimento. Com direção do consagrado Carlos Saldanha, o longa "100 Dias" chega aos cinemas para contar a história de Amyr Klink, o navegador amador que atendeu ao chamado da aventura e se lançou mar adentro, tornando-se o primeiro ser humano a atravessar o Atlântico Sul em um barco a remo, partindo da Namíbia, na África, até a Bahia.

A aventura de Amyr é de 1984. Desde então, o navegador entrou de corpo e alma neste universo, sendo tratado como referência de navegação mundo afora. Seu livro, "Cem Dias entre o Céu e o Mar", tornou-se best-seller e serviu como inspiração para o roteiro de Elena Soárez e Thais Tavares, que deram foco aos dilemas pessoais e familiares de Amyr Klink, além dos desafios físicos e logísticos que assombraram e motivaram o navegador durante os 100 dias em alto-mar.

A convite da Disney Brasil, o Correio da Manhã conversou com o diretor do filme, Carlos Saldanha, e com integrantes do elenco, como Filipe Bragança, que interpreta Amyr; Felipe Camargo, que deu vida ao pai de Amyr, Jamil; e a estrela internacional Philippine Leroy-Beaulieu, que interpretou, em português, a mãe do protagonista, Asa Frieberg Klink.

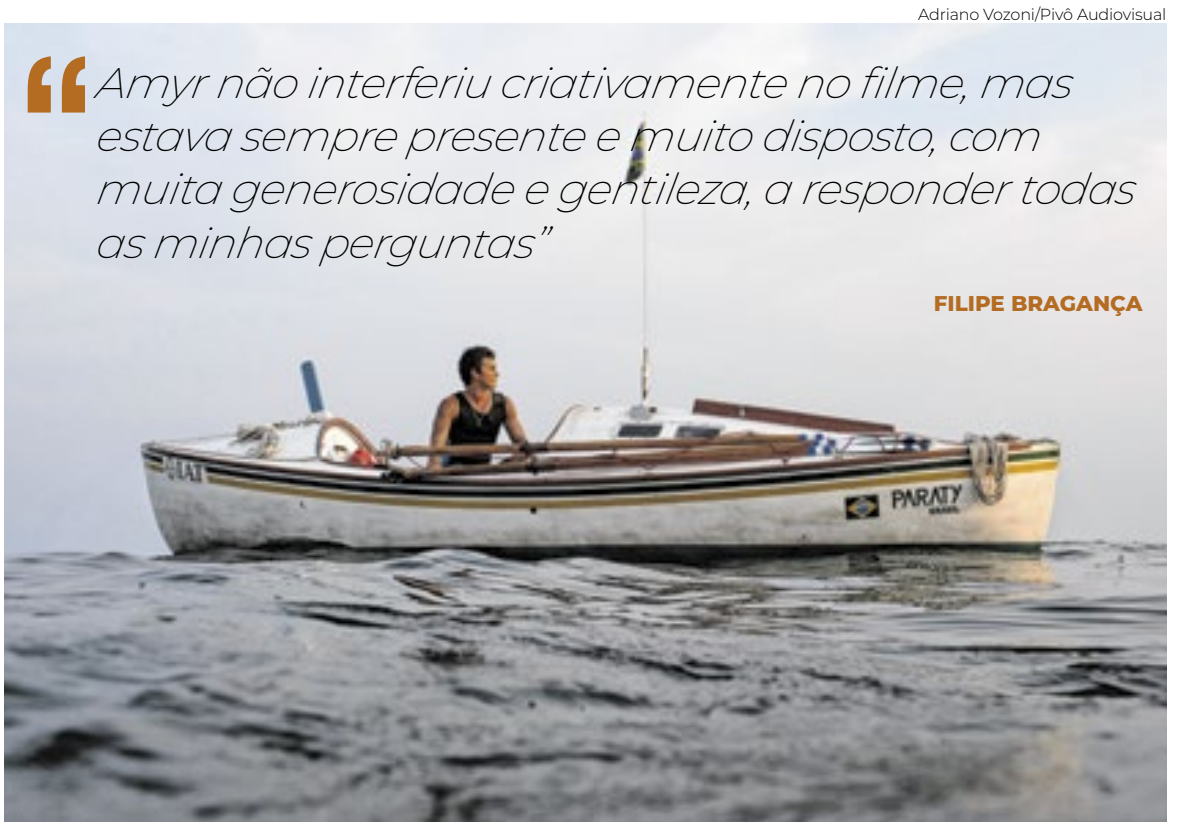
Para Saldanha, criador e diretor de projetos que exaltam e propagam a cultura brasileira mundo afora - a animação "Rio" (2011) e a série "How to Be a Carioca" (2023) - a ideia de "100 Dias" era realmente contar essa história fantástica de um grande feito nacional. Para ele, se o cinema americano pode faz isso com frequência, por que o cinema

brasileiro deve fechar os olhos para grandes personagens da vida real?

"Este filme me desperta o lado emocional de poder trazer para as telas a garra de um brasileiro que realizou um feito único há muito tempo. Consumimos muito do que vem de fora, dos filmes de outros países, mas não olhamos para dentro", argumenta o realizador. "Moro há 35 anos fora do Brasil e, quando fiz 'Rio' e outros filmes, sempre tive vontade de mostrar que existem histórias interessantes vindas do Brasil, sem perder nossa identidade: histórias universais com temáticas brasileiras, daquelas que você não precisa ser brasileiro para se identificar. Acho que esta é uma delas", destaca.

Saldanha também abriu o coração sobre a maneira como o filme dialogou com ele em nível pessoal. "A parte com que mais me identifico nesta história são as travessias, as travessias de vida. As decisões que você toma puxam você para um extremo que, às vezes, você não estava esperando. Fiz a minha travessia para Nova York quando decidi estudar cinema e animação, e é uma travessia difícil: você passa por vários obstáculos ao longo do caminho. Fazer este projeto também foi uma travessia em si: demorou 3 mil dias para ser concluído. Mas acho que faz parte do nosso processo de vida, do crescimento, buscar sempre novas travessias, como Amyr fez", afirmou.

Adriano Vozoni/Pivô Audiovisual



Filipe Bragança precisou dominar técnicas de remo em mar aberto para representar o navegador

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Carlos Saldanha e a réplica do Paraty no set de filmagens: interesse em destacar personagens brasileiros e suas histórias

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Tarimbado em animações como 'A Era do Gelo e 'Rio', Carlos Saldanha utilizou os storyboards para chegar aos melhores enquadramentos de câmera

Fabio Braga/Pivô Audiovisual



Bastidores de cena filmada em estúdio, reproduzindo condições adversas do mar

100 dias sozinho no mar

Um dos grandes desafios do filme, que se passa 90% no mar, com Amyr tendo de lidar com as dificuldades do oceano, foi contar essa história de forma que a trama não ficasse repetitiva e enfadonha. Para Saldanha, o grande mérito está no roteiro, que foi trabalhado por anos. "Quando planejamos o roteiro, trabalhamos muito. Foram dois anos fazendo esse roteiro, com a missão de criar o arco emocional da história do personagem dentro do contexto da própria viagem. Cada cena foi pensada assim. Não é só uma cena de baleia: é uma cena de baleia que tem um aprendizado. Não é só a cena do tubarão. Os ensinamentos, os aprendizados emocionais de cada momento que ele passa estão lá", explica.

O ator Filipe Bragança, que deu vida a Amyr Klink, exaltou a decupagem do filme como recurso para evitar as repetições na trama. "Foi um processo bem minucioso. Grande parte das rubricas do roteiro era 'Amyr rema': 'Amyr rema cansado', 'Amyr rema alegre', 'Amyr rema virtuoso', 'Amyr rema, rema, rema'. Poderia ser um filme bastante repetitivo, e eu não acho que seja, sendo muito sincero. Às vezes, a repetição em um filme ou em qualquer outra obra pode ser uma virtude, mas, neste caso, não ficou enfadonho", conta. "Entendi exatamente qual era a travessia interior do personagem e consegui defini-la a partir de cada um dos momentos pessoais dele, com muita delicadeza, dando a cada um o seu universo particular", pontua ao ator.

Bragança teve, ainda, a oportunidade de conhecer o próprio Amyr Klink. Para ele, essas interações ajudaram a entender melhor quem era o personagem e permitiram que ele fizesse a melhor interpretação possível, sem parecer uma imitação. "A relação foi excelente. Amyr não interferiu criativamente no filme, mas estava sempre presente e muito disposto, com muita generosidade e gentileza, a responder todas as minhas perguntas e tirar todas as minhas dúvidas. Tivemos, desde o início, uma relação de troca muito proveitosa para mim, porque ele era a referência que eu tinha para interpretar o personagem", diz. "Meu trabalho não é uma imitação de Amyr, mas sim uma interpretação desse personagem neste roteiro específico. Precisei observá-lo muito para entender como ele falava, como era o sotaque, como se comportava. Ele tem um tom de voz e um sotaque, e foi muito importante tê-lo ali, inclusive para me ensinar algumas coisas: como fazia os cálculos, como entendia onde estava na carta náutica, como funcionava o sextante. Tudo isso contribuiu muito para a minha performance. Foi uma pesquisa muito complexa", comemora Bragança.

De Paris a Paraty

Estrela do fenômeno mundial do streaming "Emily em Paris", a atriz francesa Philippine Leroy-Beaulieu rouba a cena no filme atuando em português, em um trabalho impecável, para dar vida à mãe de Amyr, Asa Klink. O desempenho foi tão impressionante que chegou a emocionar o navegador, que disse ter revisto, em cena, a própria família. "Me emociona muito saber que ele (Amyr) gostou, porque eu sentia muita responsabilidade. Teve um dia em que ele veio visitar o set, e eu estava lá, mas não quis encontrá-lo, porque tinha um pouco de medo da reação que ele poderia ter. É muito sensível interpretar uma mãe, principalmente uma mãe que tinha esse papel especial na vida dele. É um papel bonito. Retrata uma mãe com um amor muito generoso, altruísta, profundo", defende.

No filme, Asa é retratada como um farol na viagem de Amyr, que mantém a comunicação via rádio com a matriarca, que acompanha sua jornada diretamente de Paraty. Para Philippine, esse papel foi interessante porque deu a ela a chance de interpretar uma mãe que reconheceu e respeitou o objetivo de um filho, mesmo sabendo dos riscos que envolviam essa viagem.

"Acho que a mãe é um farol para Amyr, sim, mas também é ela que diz para ele: 'Vai se encontrar, meu filho! Você não vai ficar aqui, na sombra do pai, a quem eu amo, mas que tem tantos problemas. Você tem que ir'. E ela sabe disso, mesmo tendo muito medo. Claro que é difícil para ela, mas gostei muito dessa mãe. Ela me ensinou muito também", afirma.

Já Felipe Camargo, no papel do pai de Amyr, tem uma função narrativa interessante. Ele é retratado como um antagonista, mas, conforme a trama avança, é possível ver que Amyr tem muitas semelhanças com o patriarca. Para o ator, seu trabalho fala de um amor mal traduzido pelas relações humanas. "Conversamos muito sobre o amor, um amor louco, até mágico, e mal traduzido. Acho que tudo o que Jamil queria era ajoelhar aos pés do filho e falar: 'Não faça isso, não vá!'. E ele brigava, enfraquecia o filho dizendo que não ia conseguir, que ele não sabia nadar. Só que teve um efeito inverso, porque, quando um cara quer muito uma coisa, quanto mais alguém diz para não fazer, mais isso o fortalece. Ele é uma pessoa inteligente e, ao fazer algo com muita determinação, se prepara muito para a viagem. Quanto mais ele ouvia isso do pai, mais sabia que ia conseguir. Eram esses dois motores diferentes que estavam ali o tempo todo com ele: um anjo, quase uma Ave Maria, na figura da mãe acolhedora, e o pai, naquela coisa de ser durão. Ele se liberta dos dois e vai para a vida", reflete.

Philippine revelou também que as cenas da família, que se passam em Paraty, foram as primeiras a serem gravadas, e que isso foi uma estratégia de Carlos Saldanha para que Bragança pudesse fazer as cenas de estúdio e as de alto-mar tendo em mente a imagem da família e da saudade.

"Começamos com todas as cenas da família. Então, quando Filipe ficou sozinho, teria essa primeira parte da filmagem com a família, porque depois teria essa memória. Ele podia nos carregar com ele para as filmagens no barco. Foi uma escolha muito inteligente do Carlos, que lhe deu a oportunidade de carregar na cabeça e no coração tudo o que tinha vivido com a gente em Paraty. Acho que isso foi muito lindo para ele", diz.

Divulgação



Penélope Cruz é uma das apostas ao prêmio de coadjuvante por 'A Bola Preta'

Claire Folger/Diamond Films



Anthony Impollito impressiona como o jovem Stallone em 'Eu Sou O Rocky'

Primeira chamada para o Oscar 2027

Hits estrangeiros como o drama franco-japonês 'O Sentido da Vida' e o épico espanhol 'A Bola Preta' podem ocupar espaços antes destinados aos EUA, que ataca com ode a Stallone

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



Tao Okamoto e a belga Virginie Efira no delicado 'O Sentido da Vida'

Sucessaço na Mostra de São Paulo, com sessões lotadas de cabo a rabo, "O Sentido da Vida" ("Soudain"), de Ryusuke Hamaguchi, terá sessão no Rio nesta sexta-feira (30), às 18h30, no Festival de Cinema Francês – embora seja parcialmente japonês -, atraindo olhares cariocas para um possível candidato ao Oscar em múltiplas frentes. Está chegando a temporada de premiações que rondam a festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood e o nome de Hamaguchi, assim como o de suas estrelas, Virginie Efira e Tao Okamoto, disparam na lista de especulações.

Um título já é dado como concorrente inefável na competição de 2027, que será realizada em 14 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles, mas anuncia seu rol de candidatos em 21 de janeiro: "A Odisseia" ("The Odissey"), Christopher Nolan. Com sua receita de US$ 1,8 bilhão, o diretor de "Oppenheimer" (2023) já é tratado com uma presença inquestionável, assim como duas de suas estrelas, Anne Hathaway e John Leguizamo, apostas quentes para as categorias de coadjuvantes. Há um desenho, contudo, que chama atenção nas previsões já em curso nas redes sociais, em portais especializados como o site Awards Daily: a presença expressiva (como jamais se viu) de artistas não anglo-saxônicos em categorias que antes o Oscar dominava.

O drama existencialista com Efira é um caso. Ela e Tao Okamoto dividiram o prêmio de Melhor Atriz em Cannes quando "O Sentido da Vida" passou lá, firmando-se como um ensaio multicultural sobre solidariedade. Na trama, Marie-Lou Fontaine (Efira), diretora de uma casa de repouso nos arredores de Paris, desafia as convenções ao adotar o método "Humanitude", apesar da resistência de sua equipe. Seu encontro com Mari Morisaki (Tao), uma dramaturga japonesa em estado terminal, muda a sua vida. Juntas, elas fazem da instituição um símbolo de resistência, numa narrativa envolvente do diretor de "Drive My Car", Oscar de Melhor Filme Internacional em 2022, hoje na MUBI.

Naquele ano, Hamaguchi concorreu ainda às estatuetas de Melhor Realização e de Roteiro Adaptado. Estima-se que pode voltar a concorrer, entre os cineastas – ao lado de figuras pop como Olivia Wilde, super badalada por "O Convite" – e entre os roteiristas.

Outro experimento autoral asiático que pode entrar na briga por roteiro, direção e atriz (via Jeon Do-yeon) é "Amor Possível" ("Possible Love"). Programado para estrear na Netflix no dia 6 de novembro, o exercício narrativo mais recente do artesão autoral sul-coreano Lee Chang-dong acompanha as relações entre dois casais que seguem caminhos sociais distintos e precisam lidar com desejos até então ocultos. Mi-ok (Jeon Do-yeon) leva uma vida modesta ao lado do marido desempregado, Ho-seok (Sul Kyung-gu), e do filho pequeno, Cheol. Um funeral, porém, coloca a família no caminho de Ye-ji (Cho Yeo-jeong), documentarista dedicada a registrar a realidade de trabalhadores demitidos, e de seu marido, Sang-woo (Zo In-sung), cuja vida abastada contrasta radicalmente com a deles. Quando Mi-ok aceita participar das filmagens do documentário, aproxima-se de Ye-ji e começa também a sentir uma desconfortável atração pelo indecifrável Sang-woo. Os mundos dos dois casais começam a se misturar, expondo fissuras afetivas.

Atração de abertura do Festival do Rio, o trator espanhol "A Bola Preta" ("La Bola Negra") pode ser o maior rival da safra indie dos EUA e para medalhões dos grandes estúdios estadunidenses na corrida pelas láureas de Hollywood. Este épico queer sobre três homens, em fases distintas da História espanhola, avassalados pela homofobia, venceu o People's Choice Award de Toronto, em setembro. A espetacular atuação de Penélope Cruz pode fazer dela a Melhor Coadjuvante, isso se o colegiado votante da Academia não cismar em indicar Glenn Close também. As duas vivem forças femininas (uma líder de bordel e a outra, uma teórica de Literatura) que abraçam a causa gay, numa viagem histórica que lapida a estética de Los Javis, os diretores Javier Ambrossi e Javier Calvo. Os dois devem ser indicados, aos prêmios de Direção e Roteiro Adaptado. O longa deles tem tudo para concorrer em frentes como Fotografia, Montagem, Som e Direção de Arte.

Uma outra surpresa que se espera da Academia, em 2027, é a presença de um documentário na lista de concorrentes de Melhor Filme: "Tudo Pode Ser Visto" ("You Can See Everything"), documentário de Nathan Fielder e Lance Oppenheim, produzido pela A24. Com uma receita estimada em US$ 50 milhões, o longa, de não ficção, acompanha os últimos dias de liberdade de Elizabeth Holmes, fundadora da empresa Theranos, condenada por fraude após prometer revolucionar os exames clínicos com uma tecnologia capaz de realizar testes a partir de uma única gota de sangue. Estreia aqui em 28 de novembro.

Há de surpreender também a carreira de "Eu Sou O Rocky" ("I Play Rocky), de Peter Farrelly (de "Green Book – O Guia"), centrado no calvário de Sylvester Stallone para tirar do papel a saga do Garanhão da Filadélfia, há 50 anos. Com estreia no Brasil prevista para 19 de novembro, esse drama cinéfilo pode oscarizar Anthony Ippolito por sua atuação como o jovem Sly (apelido do eterno Balboa).

Sobre o nosso representante oficial, "Feito Pipa": o longa de Allan Deberton, sobre um craque de futebol mirim queer às voltas com a demências de sua amada avó, pode ser visto até quarta no Odeon, em duas projeções diárias, às 16h30 e às 19h. Há como encontra-lo ainda em pré-estreias no CineCarioca José Wilker e no UCI New York.

Divulgação



Ménochet, aos 50 anos, encarna o líder político da França

Corpo celeste

Aclamado na Europa e em Hollywood pela habilidade de desafiar padrões, Denis Ménochet enfrenta dilemas éticos no thriller político 'Júpiter', sensação de Festival de Cinema Francês

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

"Todo corpo tem vez" é o lema a que Denis Ménochet, um dos atores franceses de visibilidade mais cosmopolita no cinema nas duas últimas décadas, agarrou-se ao desafiar a gordofobia e o algoritmo de beleza padrão, sem esconder o abdome sarado à custa de vinho e cerveja. Aos 50 anos, ele se esquiva do arquétipo do bonachão de cintura GG a que o cinema popular costuma confinar quem pesa mais de cem quilos e empresta carisma a anti-heróis e vilões plurais. Em "Júpiter", thriller político de Alexandre Smia que integra a programação do Festival de Cinema Francês, o ator troca o campo de batalha das relações humanas pelo bunker antinuclear de onde pode partir uma ordem capaz de mudar o destino da humanidade.

No filme, selecionado para a programação do Festival de Veneza, Ménochet interpreta Paul Archambault, presidente recém-eleito da França convocado ao Posto de Comando Júpiter, instalado sob o Palácio do Eliseu. O país enfrenta uma crise internacional depois que o presidente russo sobrevive a uma tentativa de assassinato, atribui o atentado aos ucranianos e ameaça retaliar. Sob pressão dos Estados Unidos, Archambault precisa decidir como reagir à escalada militar, cercado por conselheiros políticos e militares e pela perspectiva de uma catástrofe nuclear.

O título remete a um lugar real, revestido de uma aura quase mitológica, onde o chefe de Estado francês pode tomar, em absoluto sigilo, decisões de segurança nacional. Alexandre Smia, que assina o roteiro com Thomas Finkielkraut, quis explorar a tensão desse espaço fechado sem abrir mão do realismo. Segundo o diretor, num comunicado oficial no site de Veneza, "não é apenas um filme-catástrofe, mas uma investigação sobre o significado de ter nas próprias mãos o poder de destruir o mundo".

A escolha de Ménochet para encarnar o presidente dá ao suspense uma dimensão humana. O ator tem o dom de transformar a tensão em matéria física, fazendo com que o espectador perceba as fissuras de um personagem mesmo quando ele tenta preservar a aparência de controle. Foi assim em "Bastardos Inglórios" (2009), de Quentin Tarantino, no qual sua atuação como o fazendeiro francês Perrier LaPadite, submetido a um interrogatório nazista, converteu uma longa sequência de diálogo numa demonstração de suspense e terror. Também foi assim em "As Bestas" (2012), de Rodrigo Sorogoyen, drama que lhe rendeu o Goya de Melhor Ator e o colocou diante de um homem acuado pela hostilidade da comunidade onde tenta se recriar.

"Antes de tudo, vem a parceria com grandes colegas e a possibilidade de dimensionar as formas como posso me encaixar na pesquisa que diretores e elenco fazem da cena", disse Ménochet ao Correio Da Manhã, em Paris, ao refletir sobre seu trabalho. "Virei ator sem nunca ter feito teatro, de uma maneira inusitada. Fui a uma banca comprar seda para enrolar um baseado e vi um anúncio de um curso de interpretação. Fui lá, fiquei e acabei fazendo 'Bastardos Inglórios'", recordou.

Divulgação



O ator encarou a gordofobia de fernte nas cenas de nudez de 'Peter von Kant', de 2022

Divulgação



O jovem Ménochet com Christoph Waltz na icônica abertura de 'Bastardos Inglórios', de 2009

Depois da experiência com Tarantino, vieram papéis em produções de diferentes dimensões e linguagens, incluindo "Peter von Kant" (2022), de François Ozon, e "Beau Tem Medo" (2023), de Ari Aster, no qual contracenou com Joaquin Phoenix. "Logo depois do período mais crônico da pandemia, passei 11 meses da minha vida acordando e dormindo com as palavras 'ação' e 'corta' no ouvido. A solução foi se retirar por algum tempo para uma casa na Bretanha, na companhia de dois golden retrievers. O descanso não durou muito. Mas logo retomei o trabalho. Não dá para parar", disse Ménochet ao Correio em Berlim.

Esse artista polífico também tem uma relação direta com a questão dos padrões físicos impostos pelo audiovisual. Ao aparecer nu em "Peter von Kant", tomou consciência de detalhes do próprio corpo que nunca havia observado daquela maneira. "Quando me vi sem roupa, tomei um susto, pois nunca tinha visto o quanto a minha bunda estava grande. Apesar disso, estou nas telas. Todo corpo tem vez." Para ele, a continuidade do trabalho depende menos da adequação a um modelo corporal do que da confiança e da capacidade de oferecer algo singular às personagens. "Boas coisas entraram em convergência na minha vida por eu ter confiança em mim e por agir como um skatista que se lança numa rampa em busca do movimento perfeito, mas curtindo o movimento. No fim das contas, o cinema é uma fogueira que acende toda a indústria cultural pop que nos cerca. É bacana saber que a gente tem diversidade."

O ator destaca a pluralidade de cineastas e modelos de produção como uma das forças do país, citando François Ozon e Céline Sciamma. Em "Júpiter", essa diversidade de olhares desemboca numa questão política que dispensa respostas fáceis: como decidir quando qualquer escolha pode precipitar uma tragédia? Ao colocar Ménochet diante de um cenário em que a autoridade presidencial se confunde com a responsabilidade sobre milhões de vidas, Alexandre Smia transforma um thriller de tensão nuclear numa reflexão sobre poder, medo e os limites da ação humana. O filme tem sessões no Festival de Cinema Francês no Rio de Janeiro nesta sexta-feira, 30 de outubro, às 16h05, no Estação Claro Rio; no sábado, 31, às 15h25, no Estação Claro Gávea; e no domingo, 1º de novembro, às 15h45, novamente no Estação Claro Rio.

Num outro terreno político, a sororidade, o Festival de Cinema Francês brinda plateias brasileiras neste fim de semana com "A Casa das Mulheres" ("La Maison Des Femmes"), de Melisa Godet. Longa-metragem de estreia da escritora do romance "Les Augustines" na direção. Karin Viard e Latetita Dosch são parceiras valiosas em sua entrada no cinema. Ela narra o dia de um lar de acolhimento onde cuidam-se mulheres vítimas de violência. Se em outros lugares elas são ameaçadas, agredidas, violadas, mutiladas e têm o seu sofrimento ignorado, naquele espaço são ouvidas, apoiadas, ajudadas e acreditadas. Um time de profissionais irá ampará-las até que possam se reerguer, em equipe, mesmo que isso signifique arriscar o próprio equilíbrio pessoal. Tem sessões dele nesta sexta, no CineCarioca José Wilker, às 14h20; no Estação Claro Rio, às 14h; e no Kinoplex Leblon, às 18h. Domingo, essa pepita tem projeção às 15h50, no José Wilker. Segunda, às 15h55, ele passa no complexo da Voluntários da Pátria 35. É uma aula de inclusão.

Contagem regressiva para o Ano Maravilha

DC Comics surfa no aniversário de 85 anos da Princesa das Amazonas, prepara uma leva de HQs e cogita novo filme da heroína - sem Gal Gadot

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã


Divulgação

Criada pelo psicólogo William Moulton Marston e pelo ilustrador Harry G. Peter, a Mulher-Maravilha completa 85 anos de existência neste mês de outubro, consolidada como uma das figuras mais importantes da história dos quadrinhos de super-heróis - em especial por seu simbolismo feminista. Sua estreia aconteceu em 21 de outubro de 1941, nas páginas de All Star Comics nº 8, publicação da DC Comics. O aniversário chega acompanhado de uma nova fase comercial da personagem, impulsionada pelo sucesso da linha Absolute (já nas bancas do Brasil) e por uma estratégia de lançamentos que pretende aproximar diferentes gerações de leitores do universo de Diana de Themyscira.

Em terras brasileiras, um dos destaques dessa movimentação é a edição nº 15 de Mulher-Maravilha & Flash, da Panini, que coloca a princesa das Amazonas ao lado de um parceiro pouco provável: Robin. Em uma missão ultrassecreta para resgatar seus companheiros heroicos, Diana se une a Damian Wayne, o filho de Batman (atual Menino-Prodígio), numa tentativa de invadir a prisão de Amanda Waller, outrora líder do Esquadrão Suicida. A operação levanta uma questão decisiva: a dupla conseguirá libertar os aliados ou estará apenas caindo numa armadilha elaborada pela chamada Muralha para capturar a própria Mulher-Maravilha e seu jovem ajudante? O encontro reúne duas personalidades distintas e explora a capacidade da heroína de estabelecer alianças mesmo nas circunstâncias mais perigosas.

A comemoração dos 85 anos também ganha dimensão internacional com a decisão da DC de transformar 2027 no Year of Wonder, ou Ano Maravilha. A iniciativa prevê uma programação especial de histórias em quadrinhos, reunindo nomes consagrados do mercado americano. A partir de 20 de janeiro, "Wonder Woman" nº 41 inaugura uma nova etapa da revista principal, com roteiro de Louise Simonson, que escreverá pela primeira vez a série regular da personagem. O arco terá quatro edições e promete estabelecer uma nova configuração para Diana e seu universo. Na sequência, Stephanie Williams assumirá os roteiros ao lado da artista Elena Casagrande, em uma história planejada para seis números, com publicação até outubro de 2027.

Além das novas aventuras, a DC pretende revisitar momentos importantes da trajetória da heroína por meio da coleção "Get to Know! Wonder Woman", que reunirá seis quadrinhos gratuitos com trabalhos de artistas e roteiristas ligados a diferentes fases da personagem, entre eles Tom King, Daniel Sampere, Greg Rucka, Nicola Scott e Phil Jimenez. A celebração também terá uma dimensão física: uma estátua de bronze da Mulher-Maravilha poderá ser vista na entrada do Warner Bros. Studio Tour Hollywood, em Burbank, na Califórnia. A programação procura reafirmar o lugar de Diana no centro do universo editorial da DC, em um período de renovação de suas histórias e de expansão de seu público.

No mercado brasileiro, a Panini aproveita a efeméride para destacar títulos que atravessam diferentes períodos da mitologia da personagem. Entre eles estão Mulher-Maravilha: O Espírito da Verdade, obra dedicada aos dilemas da heroína diante da humanidade; DC de Ouro: Mulher-Maravilha, que recupera aventuras da fase inicial; e Wonder Woman nº 1 — Fac-Símile, reprodução da primeira edição da revista solo americana, publicada originalmente em 1942. O catálogo inclui ainda Mulher-Maravilha por Mike Deodato Jr., com uma trama em que Diana precisa defender sua posição depois que a rainha Hipólita determina a realização de um novo torneio para escolher a próxima campeã das Amazonas. São caminhos distintos para acompanhar a evolução de uma personagem cuja história combina mitologia, ação e discussões sobre liberdade e justiça.

A força comercial da Mulher-Maravilha também aparece no selo Absolute, linha da DC que apresenta versões alternativas de seus personagens clássicos. O desempenho da heroína nesse universo reforça o interesse por novas interpretações de sua origem e de seus poderes, sem abandonar os elementos fundamentais de sua identidade. Criada durante a Era de Ouro dos quadrinhos, Diana atravessou transformações editoriais, mudanças de linguagem e adaptações para diferentes mídias, mantendo-se como um símbolo de autonomia feminina. Sua trajetória é marcada tanto por confrontos com ameaças sobrenaturais quanto por conflitos políticos e morais, que ampliam o alcance de suas histórias para além das batalhas entre heróis e vilões.

O aniversário também reacende as especulações sobre o futuro audiovisual da personagem, mas sem a atriz Gal Gadot, afogada em polêmicas sionistas. A possibilidade de uma nova intérprete para o papel de Diana no universo cinematográfico da DC tem alimentado rumores em torno da atriz Adria Arjona, embora não haja confirmação oficial de sua escalação. Enquanto o estúdio define os próximos passos da heroína no cinema, os quadrinhos seguem como o principal território para renovar sua mitologia. Entre o encontro improvável com Robin na edição nº 15 de Mulher-Maravilha & Flash, os lançamentos brasileiros da Panini e a programação especial anunciada para 2027, a princesa de Themyscira demonstra que, oito décadas e meia depois de sua estreia, ainda tem muitao bandido pra prender.

sesc

APRESENTA

festival sesc de cinema PETRÓPOLIS

NOVOS OLHARES.
NOVAS HISTÓRIAS.
UM NOVO FESTIVAL DE CINEMA.

O Sesc RJ apresenta seu novo festival de cinema. Um espaço para diferentes olhares, histórias e perspectivas ganharem as telas, aproximando realizadores, produtores e públicos.
E você que faz cinema está convidado a fazer parte dessa estreia.

Inscreva-se em
www.sescrio.org.br

INSCREVA SEU FILME
22·10 A 22·11

mostra **Olhar Fluminense**
mostra **Andança**
mostra **Mirada Infanto-juvenil**

GASTRONOMIA (@RESTAURANTS_TO_LOVE)



NATASHA SOBRINHO
ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O mundo à mesa

Divulgação



PROGRAMAÇÃO INFANTIL

Divulgação



VISÃO GERAL DO EVENTO

Em sua quinta edição, o Gastronomia Sem Fronteiras reúne cozinhas de diferentes países, chefs de destaque e produtores locais em quatro dias de experiências par os amantes da boa mesa

Divulgação



QUIQUI

Divulgação



HERR PFEFFER

Se fosse possível atravessar fronteiras, descobrir novas culturas e conhecer diferentes destinos pelo paladar, sem sair do Rio de Janeiro? É com essa proposta que o Gastronomia Sem Fronteiras chega à sua quinta edição, nos dias 31 de outubro, 1º, 7 e 8 de novembro, ocupando o rooftop do Fashion Mall, em São Conrado, com uma programação que celebra a diversidade da cozinha mundial e sua conexão com o turismo.

Sob curadoria do chef Elia Schramm, o festival convida o público a percorrer diferentes territórios gastronômicos em um mesmo endereço. A ideia é transformar a comida em ponto de encontro entre culturas, reunindo restaurantes que carregam a identidade de seus países e regiões, além de uma feira de produtores e experiências para diferentes gerações.

O roteiro desta edição passa pelos Estados Unidos, representados pelo chef Rafa Gomes; pela França, com a Associação de Chefs França-Brasil (ACFB); pela Alemanha, com o Herr Pfeffer; pela Itália, com o Babbo; por Portugal, com o Barsa; e pelo Japão, com o Jappa da Quitanda. O Brasil também ganha protagonismo com o São Miguel, enquanto o QuiQui, representa os sabores e a atmosfera do Rio de Janeiro. Entre os destaques estão o mix de linguiças da Herr Pfeffer (R$ 47); o Absurdo Joy , joy de salmão maçaricado com cream cheese e tarê do Jappa da Quitanda (R$ 35 – 6 unidades) e os croquetes de carne com maionese de wasabi do QuiQui (R$ 30 – 8 unidades). O festival também recebe uma feira de produtores fluminenses, com marcas artesanais, e promove encontros sobre gastronomia e turismo.

Divulgação



JAPPA DA QUINTANDA

A programação inclui shows, DJs e atrações para as crianças, como o Talento na Cozinha. Nesta edição, o evento também celebra sua inclusão no Calendário Oficial da Cidade do Rio de Janeiro, reforçando seu papel na agenda gastronômica e turística carioca.

Divulgação



MERCADO DE PRODUTORES

Mais do que reunir cozinhas de diferentes origens, o evento aposta na gastronomia como uma forma de viajar, despertar curiosidades e aproximar pessoas. Em um cenário privilegiado, com vista para São Conrado, o público poderá explorar novos sabores, conhecer diferentes tradições culinárias e aproveitar uma programação pensada para transformar o fim de semana em uma experiência de lazer.

SERVIÇO

5º FESTIVAL GASTRONOMIA SEM FRONTEIRAS
Rooftop do Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, São Conradoes)
31/10, 1,7 e 8/11, sábados e domingos (13h às 23h)
Ingressos a partir de R$ 40 e 20 (meia)* e grátis para crianças até 10 anos
*Meia-entrada solidária mediante doação de 1 kg de alimento com vendas online pela Ingresse. Os valores podem mudar conforme os lotes de venda e não incluem o consumo de alimentos e bebidas no festival.
Informações: @gastronomiasemfronteiras